OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano X - Edição 268
R$ 2 - De 3 a 9/8/2006

PATRÕES CONTRA TRABALHADORES

A BURGUESIA TEM OS SEUS CANDIDATOS. OS TRABALHADORES TÊM A FRENTE DE ESQUERDA

PÁGINAS 6 E 7

AS RAÍZES DA POLÊMICA COM CÉSAR BENJAMIN

PÁGINAS 8 E 9

A ARTE CRIADORA NA REVOLUÇÃO ESPANHOLA

PÁGINA 10

FORA ISRAEL E TROPAS IMPERIALISTAS DO LÍBANO!

PÁGINA 11

■ **PROPINA 1** - Em depoimento, Luiz Antonio Vedoin, da máfia dos sanguessugas, afirmou que distribuiu R$ 5,8 milhões em propinas para congressistas envolvidos no esquema.

■ **PROPINA 2** – Vedoin também disse que o esquema para a compra de ambulâncias teria subornado pelo menos 77 prefeitos das mais de 450 cidades onde atuou.

"SERVIÇOS"

O esquema dos sanguessugas, a exemplo do escândalo do mensalão, também tem seus aspectos mais podres. As investigações dão conta que, entre os "presentes" que a empresa de Luiz Antônio Trevisan Vedoin dava aos parlamentares envolvidos, está a contratação de prostitutas para os nada distintos senhores. O serviço era designado pela Planam com o repugnante nome "égua".

CARA SUJA

O sanguessuga Vedoin envolveu no esquema da máfia das ambulâncias o prefeito de Nova Iguaçu (RJ), Lindberg Farias (PT). No depoimento à Polícia Federal, no qual deu nomes de parlamentares e prefeitos supostamente envolvidos na fraude de licitações e compras de ambulâncias, Vedoin disse que vendeu seis veículos ao município, no valor total de R$ 400 mil. De acordo com o empresário, a negociação deu-se junto ao secretário de Administração, André, "que falava em nome do prefeito Lindberg Farias". Lindberg nega.

CHARGE / AROEIRA

PÉROLA

"É melhor os bancos ganharem dinheiro do que fazer um outro Proer"

LULA, defendendo os exorbitantes lucros dos banqueiros. Só não disse que o seu "Proer" são justamente as elevadas taxas de juros, as maiores do planeta (IstoÉ - 30/07)

OLHA QUEM ESTÁ FALANDO

Meses depois de trancar-se num armário e fingir que não existe, José Genoíno, ex-presidente do PT, apareceu em público. Em um encontro do PT, Genoísno lançou mão de um argumento já usado por Zé Dirceu e classificou-se como uma "vítima da mídia". Só não explicou como a mídia o obrigou a ser avalista do "empréstimo" de Marcos Valério para o PT.

VIAJANDÃO

O presidente da Funai, Mércio Pereira Gomes, vem gastando muito dinheiro em viagens. E não é para visitar reservas indígenas. Nos três anos à frente da instituição, Mércio viajou sete vezes para a Suíça, três para os EUA e duas para a Inglaterra. Será que conheceu outras culturas ou uma civilização perdida na Europa?

RIOS DE LÁGRIMAS

O site da embaixada israelense no Brasil só tem mensagens de condolência, pesar e lamento pelas mortes no Líbano, como se estas fossem obra da natureza ou do acaso. Na semana passada, o embaixador de Israel no México foi além. Disse que conhecidos intelectuais e políticos que assinaram um manifesto contra as agressões do exército sionista são "terroristas". Não há limites para defender a criminosa ação de Israel. Mande sua mensagem para a embaixadora do Estado sionista no Brasil, Tzipora Rimon, condenando as ações de terrorismo de estado promovidas por Israel: *ambassadorsec@brasilia.mfa.gov.il*

CAMPANHA

OLIVÉRIO MEDINA É LIBERTADO

O padre colombiano Olivério Medina foi libertado no sábado, 29 de julho, em Brasília, após 11 meses de prisão. Sob a alegação de ser um "terrorista" a serviço das Farc's, Medina estava detido desde agosto de 2005 e poderia ser extraditado para a Colômbia, onde corria sérios riscos de ser torturado e morto pelas forças repressoras do governo Álvaro Uribe.

Na prisão, o padre recebeu a solidariedade de dezenas de lideranças políticas e de movimentos sociais, que fizeram diversos manifestos e atos a favor de sua libertação. Os movimentos sociais denunciaram que o pedido de extradição de Olivério era parte das ações do "Plano Colômbia", sob a coordenação dos EUA, e que não tinha amparo legal.

Vivendo no Brasil desde 1997, ele foi detido na rodoviária do Tietê, em São Paulo, pela Polícia Federal. Olivério nunca violou as leis brasileiras e tem visto de residência permanente no Brasil.

A libertação do padre é uma vitória da luta e da persistência dos movimentos sociais que impediram o governo de extraditá-lo.

VISITE A PÁGINA
www.liberdadeoliverio.com.br

SOLIDARIEDADE

CONLUTAS APÓIA TRABALHADORES DA VARIG

Diante do anúncio das milhares de demissões da Varig, a Conlutas divulgou nota solidarizando-se com os trabalhadores, que não devem pagar pela crise que há anos a empresa atravessa. *"A responsabilidade é unicamente das sucessivas diretorias que deixaram a Varig chegar a essa situação lamentável"*, afirma a nota. A coordenação defende a estatização da Varig e a manutenção de todos os empregos: *"É preciso que o governo Lula assuma sua responsabilidade: se a empresa não consegue cumprir com suas obrigações para com o país, que seja estatizada, sem indenização"*, diz a nota.

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **CAPA** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Blasi **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Eliseu Gomes de Sena, 211-A - Santos Dumont - Maceió - AL (82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro
niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro
novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com Manoel Elias) (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - R. Coronel Domingos Ortiz, 423 - Centro
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro - (11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro (11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.28455
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho (15) 9129.7865
sorocaba@pstu.org.br
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

LULA, ALCKMIN E OS SANGUESSUGAS

"*Setenta por cento dos parlamentares utilizam o cargo para fazer negócios com emendas*". Isso foi dito por alguém que entende do assunto: Darci Vedoin, um dos donos da Planam, a empresa da máfia dos sanguessugas, que contrata deputados para garantir a compra superfaturada de ambulâncias. Como trata-se de apenas um dos escândalos em que está metido o Congresso Nacional, e o empresário corruptor deve ter uma visão apenas parcial, a coisa deve ser bem pior.

Não estamos perante um ou outro parlamentar corrupto. Temos um Congresso corrupto. Um Congresso sanguessuga. As denúncias atingem igualmente os governos de FHC (incluindo o ministro da Saúde da época, José Serra) e de Lula. Congressos corruptos e governos corruptos.

Hoje, a população tem uma enorme desconfiança em relação aos políticos, e com toda a razão.

É preciso estender essa desconfiança aos empresários corruptores. O político corrupto em geral tem atrás de si um empresário corruptor. Vedoin é apenas um peixe pequeno, e não por acaso está preso. Os grandes empresários, os banqueiros e gerentes das multinacionais, os verdadeiros grandes corruptores, seguem livres. Não existe escândalo de corrupção neste país em que não estejam, por exemplo, os banqueiros. No ano passado, tiveram destaque o BMG e o Banco Rural. Neste ano, o Opportunity, de Daniel Dantas. Nenhum deles está preso.

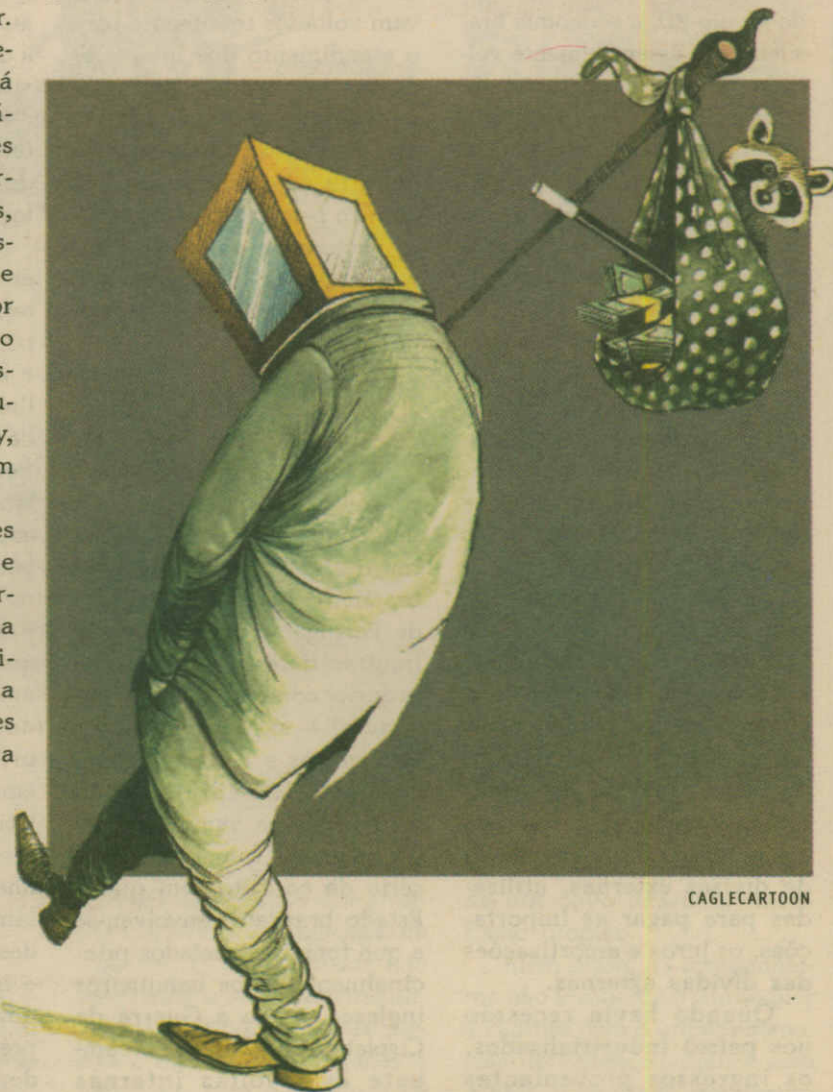
Ficam impunes porque eles compram também a Justiça e a polícia. Congresso e governo corruptos. Justiça e polícia corruptos. Todas estas instituições estão a serviço da grande burguesia, dos grandes empresários. Servem para manter a política econômica e assegurar a "ordem", ou seja, garantir a propriedade dos burgueses.

Existe uma ligação estreita entre as grandes empresas e os grandes partidos. Os grandes empresários são alguns poucos milhares, que exploram quase 200 milhões de brasileiros. Só podem fazer isso através da utilização dos grandes partidos, do governo e do Congresso, da Justiça e da polícia. Só conseguem fazer isso com estas instituições que asseguram a manutenção da política econômica ditada pelas grandes empresas. Fazem isso, em primeiro lugar, manipulando e enganando o povo nas eleições.

Em outubro, mais uma vez duas grandes frentes burguesas (PT-PCdoB de um lado, e PSDB-PFL de outro) vão disputar seu voto. Os trabalhadores não podem seguir entregando seus destinos nas mãos de grandes empresas. Basta de acreditar em Vedoin-Lula, em Vedoin-Alckmin! Basta de acreditar nos banqueiros que estão por trás de Lula e Alckmin!

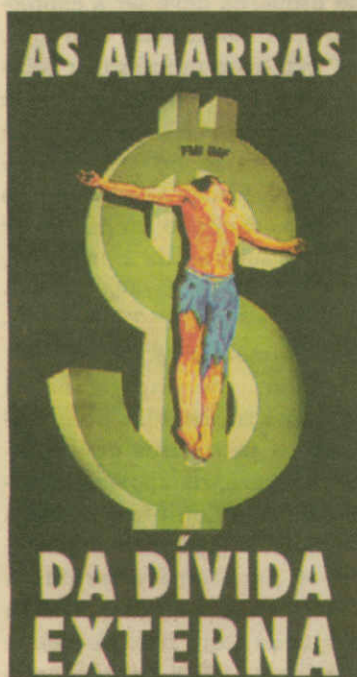
Os trabalhadores têm que acreditar em suas próprias forças. Os petroleiros de todo o país acabam de dar uma resposta aos pelegos da FUP governista. Uma ruptura de mais de 40% dos delegados do congresso nacional (expressando a maioria da base da categoria) indica a disposição dos petroleiros de acreditar em sua própria luta, de preparar a mobilização salarial e a campanha contra a retirada dos direitos pela empresa.

Por outro lado, a candidatura de Heloísa Helena está crescendo em todo o país, contra as alternativas da burguesia, Lula e Alckmin. A Frente de Esquerda deve ser a expressão eleitoral de toda essa luta, de todo esse processo de reorganização dos trabalhadores e jovens. É preciso que a frente mantenha-se no terreno de luta dos trabalhadores, e não aceite o caminho proposto por alguns setores da burguesia, que vão querer fazê-la retroceder a um novo PT, um pouquinho mais à esquerda.

É hora de impulsionar a mobilização salarial dos bancários e petroleiros do segundo semestre, de apoiar a construção da Conlutas. É hora também de ganhar os trabalhadores para uma alternativa eleitoral distinta dos blocos da burguesia, com Heloísa Helena presidente. O momento também é de ganhar os trabalhadores para que votem em candidatos a deputado de luta e socialistas, como os candidatos do **PSTU**.

CAGLECARTOON

A DÍVIDA NO PERÍODO AGRÁRIO-EXPORTADOR

ESTE É O TERCEIRO ARTIGO DA SÉRIE "As amarras da dívida externa". A série começou com um artigo introdutório sobre a questão da dívida externa. O segundo artigo discutiu o tema "dívida externa e capitalismo dependente". O presente artigo inaugura a parte histórica da série

***JOÃO VALENTIM**, do Rio de Janeiro (RJ), e **CRISTIANO MONTEIRO**, de São Paulo (SP)*

A ECONOMIA EXPORTADORA E A DÍVIDA EXTERNA

Até as primeiras décadas do século 20, a economia brasileira era essencialmente voltada para a exportação de bens primários (alimentos e matérias-primas) para as economias capitalistas industrializadas da Europa e dos EUA. Era também importadora de produtos industrializados.

Esta especialização na produção chegou a tal ponto que, de acordo com Caio Prado Júnior, apesar de a economia brasileira ser quase inteiramente agrícola, importava-se cerca de 30% dos alimentos consumidos internamente.

A dinâmica econômica interna era subordinada aos ciclos dos países industrializados. Quando havia crescimento nestes países, ocorria um aumento da demanda pelos produtos de exportação brasileiros, o que trazia consideráveis ingressos de divisas externas, utilizadas para pagar as importações, os juros e amortizações das dívidas externas.

Quando havia recessão nos países industrializados, os ingressos provenientes das exportações desabavam. Isto levava a crise econômica interna e ao crescimento do endividamento externo para sustentar as importações e financiar a burguesia exportadora.

Os principais credores eram os banqueiros ingleses ou franceses (posteriormente, os norte-americanos) e os intermediários comerciais, estrangeiros ou financiados com capital externo. Os empréstimos externos eram, em grande medida, para financiar as plantações dos proprietários agrícolas e a dívida pública, construir infra-estrutura para o escoamento das exportações, lidar com os períodos de crise nas exportações e pagar dívidas anteriores.

A dívida externa era feita sempre de acordo com os interesses dos segmentos sociais ligados ao setor exportador (produtores de café, intermediários comerciais, financistas e investidores internacionais). O Estado e a dívida pública também estavam voltados totalmente para o atendimento dos interesses destes segmentos. Enfim, o endividamento externo era um dos mecanismos centrais de extração de excedente econômico pelo capital estrangeiro e cumpria papel decisivo na reprodução do modelo agrário-exportador e da dependência.

A EVOLUÇÃO DA DÍVIDA EXTERNA

O início da dívida externa ocorreu na própria ocasião da independência. Em troca de seu reconhecimento, o Estado brasileiro herdou as dívidas de Portugal com a Inglaterra (muitas delas assumidas no próprio combate à independência) e assumiu tratados econômicos e comerciais claramente desvantajosos. A dívida externa aumentou ainda mais em função de uma série de conflitos em que o Estado brasileiro envolveu-se e que foram financiados principalmente pelos banqueiros ingleses, como a Guerra da Cisplatina (1825-28), o combate às revoltas internas (Cabanagem, Farroupilha, Sabinada, Balaiada, etc.), e principalmente a Guerra do Paraguai (1865-70).

Até meados do século 19 havia uma estagnação das exportações e o endividamento externo permitia apenas a manutenção da capacidade de importação. Com o crescimento das exportações (especialmente do café) ocorrido desde então, a economia brasileira passou a registrar grandes saldos comerciais (exportações menos importações).

A partir de então, a dívida externa passa a ser um mecanismo de transferência de parte dos excedentes econômicos para os países industrializados. Segundo Marini, em "Dialética da dependência", a partir da década de 1860, "quando os saldos da balança comercial se tornam cada vez mais importantes, o serviço da dívida externa aumenta: de 50% sobre esse saldo nos anos 60, para 99% na década seguinte. Entre 1902-1913, enquanto o valor das exportações aumenta em 79,6%, a dívida externa brasileira o faz em 144,6% e representa, em 1913, 60% do gasto público total".

O balanço do endividamento externo durante o Império (1822-1889) e a "República Velha" (1889-1930) demonstra que os termos dos empréstimos eram extorsivos. Havia, por exemplo, a figura do "tipo do empréstimo", pela qual se estabelecia um desconto prévio dos recursos emprestados. Assim, em uma dívida de tipo 75, por exemplo, só ingressava no Brasil 75% do dinheiro do empréstimo. Havia também o pagamento de grandes comissões aos banqueiros e intermediários. Com isso, uma grande parcela dos empréstimos ficava com os credores, sem nunca ter ingressado no Brasil.

Em "História Econômica do Brasil", Caio Prado Júnior acrescenta ainda entre os compromissos crescentes que o Brasil precisava pagar com a utilização dos saldos da balança comercial, o pagamento de dividendos e lucros comerciais das empresas estrangeiras operando aqui e as remessas de dinheiro feitas pelos imigrantes a seus países de origem. Estas empresas estrangeiras estavam basicamente nos segmentos mais ligados ao setor exportador, como ferrovias ou alguns serviços urbanos. O capital estrangeiro dominava ainda as rotas de comércio internacional, pelo que recebia pagamentos pelos fretes e seguros. São estes elementos que explicam por que a Inglaterra, embora tivesse déficits comerciais, compensava-os com os ganhos sobre os empréstimos e investimentos de seus capitais em outros países e com os pagamentos de fretes e seguros.

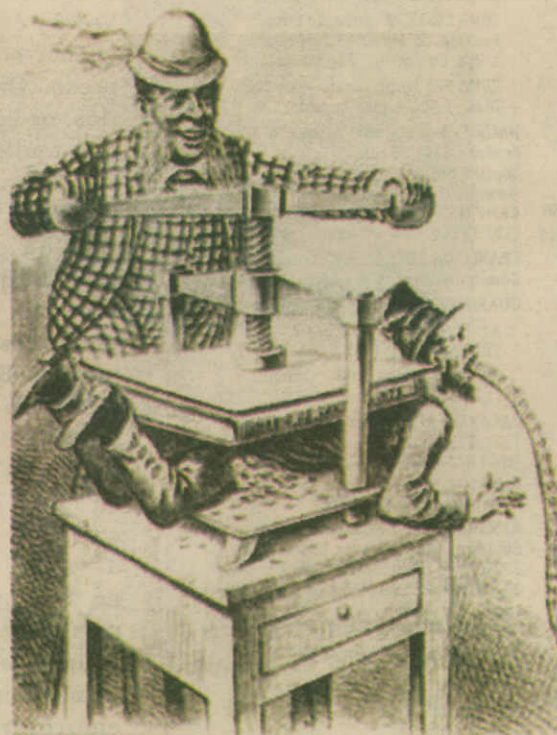



Ilustração de Angelo Agostini, de 1891, sobre o efeito do câmbio e dos aumentos dos preços das mercadorias sobre a população

A CRISE DA ECONOMIA EXPORTADORA

Em 1929, iniciou-se um período de fortíssima crise internacional no capitalismo, inaugurado com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. O modelo agrário-exportador, em crise havia muito tempo, sofreu um golpe fatal. A crise de 29 levou a uma queda abrupta das exportações. Além disso, não só cessaram os ingressos de capital estrangeiro, como as empresas estrangeiras começaram a remeter dinheiro para seus países como forma de ajudar suas matrizes em dificuldades.

Estes fatos levaram à queda das reservas internacionais e comprometeram a capacidade de importação da economia brasileira, assim como dos demais pagamentos internacionais, como os serviços da dívida e as remessas de lucros e dividendos. Já nos primeiros anos do governo Vargas, tornaram-se necessárias a decretação de uma moratória da dívida externa e a adoção de uma série de medidas protecionistas. Foi a crise terminal do modelo.

As transformações pelas quais passou a economia brasileira desde então deslocaram definitivamente seu eixo ordenador para o processo de industrialização, consolidando uma tendência iniciada anteriormente. Mas esta industrialização não significou o fim da dependência, nem a resolução da questão da dívida externa. Apenas lhes deu um novo conteúdo, que será discutido nos próximos artigos.

PRÓXIMO ARTIGO DA SÉRIE:
A DÍVIDA EXTERNA NA "ERA VARGAS"

GOVERNISTAS DIVIDEM A FUP PARA GARANTIR POLÍTICA DE LULA

AMÉRICO GOMES, da Direção Nacional do PSTU

O final de semana dos dias 28, 29 e 30 de julho proporcionou uma lição marcante ao movimento sindical brasileiro. Os governistas da Federação Única dos Petroleiros (Articulação Sindical, CSD e PCdoB), para aplicar a "reforma da Previdência" no setor e atacar violentamente os direitos dos petroleiros aposentados, decidiram dividir a categoria.

Triste destino para uma federação e parte de seus dirigentes, que já foram referência nacional e estiveram à frente de movimentos grevistas que balançaram o país, como as greves de 1983, 1991 e 1995, com grandes mobilizações e ocupações de refinarias.

VALE TUDO PARA DEFENDER O GOVERNO

A atual direção da FUP é absolutamente governista. Não só pelo fato de que irão votar em Lula – afinal, esta é uma discussão corrente na categoria. O grande problema é fazer de tudo para garantir a política trabalhista do governo, colocando os interesses deste acima dos interesses da categoria.

Atualmente, a política da direção da empresa e do governo é seguir as diretrizes apontadas pelos acionistas internacionais. Por isso, pretendem atacar violentamente os direitos dos aposentados, retirando-os de fato das negociações do acordo coletivo e desvinculando seus reajustes do resto da categoria. Além disso, pretendem acabar com a previdência complementar dos efetivos da Petrobras.

Como a base não aceitava isso, a direção da FUP, hoje praticamente reduzida a um setor do Departamento de Recursos Humanos da Petrobras, decidiu roubar, fraudar e expulsar delegados do congresso e, por fim, dividir o movimento sindical.

Inicialmente, a direção fraudou as delegações do Litoral Paulista, Pará, Alagoas e Sergipe, Amazonas, Maranhão e Amapá. A delegação do Litoral já havia decidido não entrar no congresso e, após as fraudes, retiraram-se com mais duas delegações, acompanhadas de todos os delegados do Base-Conlutas (Bloco Alternativo Sindical de Esquerda).

Os governistas então resolveram aprovar a proposta de Repactuação do Plano Petros BD, um duro golpe contra a categoria. Os delegados do Rio de Janeiro, Caxias e São José dos Campos, acompanhados de delegados de oposições, reivindicaram que não se realizasse esta votação, sob pena de saírem também. Os governistas vacilaram, mas os representantes da direção da Petrobras presentes no congresso, na figura de ex-sindicalistas, exigiram que a votação acontecesse. Com isso, estas delegações também romperam.

Saíram do XII Confup cerca de 40% de seus delegados. Os que romperam representam a maioria da base, pois são a maioria dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde se concentra o grande peso da exploração e do refino do petróleo. Significa uma ruptura de peso. Os governistas, porém, preferiram dividir a recuar.

O congresso continuou, mas com cara de enterro. Votaram uma política e uma direção governista, sem a festa pró-candidatura Lula.

FORMA-SE O COMANDO NACIONAL DOS PETROLEIROS

Longe de estarem desanimadas, as delegações que se retiraram do congresso puxaram palavras de ordem, com muita determinação e sabendo que já estão fazendo história. Já no dia 28, dezenas de delegados realizaram uma reunião para discutir o que fazer e publicaram um manifesto para o XII Confup que afirma: *"Por estas razões e para discutir esse quadro criado pela degeneração da FUP e da CUT, os sindicatos dos Petroleiros do Litoral Paulista, Alagoas/Sergipe, Amazonas, Pará, Amapá e Maranhão, juntamente com as Oposições Sindicais do Norte Fluminense, Unificado de São Paulo, Minas Gerais, Caxias e Rio de Janeiro, realizaram a partir de um amplo debate na categoria uma reunião nacional do Bloco de Oposição"*.

Uma nova reunião foi realizada no dia 29 com os primeiros delegados que se retiraram do Confup, e outra reunião foi realizada no dia seguinte com os delegados que saíram posteriormente. Todos concordaram em realizar a primeira reunião de um Comando Nacional dos Petroleiros para discutir a criação de uma frente nacional no dia 3 de agosto, no Rio de Janeiro, seguido de um ato no Edise contra a repactuação.

Petroleiros lutam contra os ataques desencadeados pela Petrobras em colaboração com a FUP

Esta frente, além de um comando, deve ter um programa mínimo e um plano de ação. Já nas próximas semanas será lançado um manifesto/jornal para toda categoria.

O programa mínimo deverá partir da: luta contra a repactuação; PLR máxima e linear; campanha pela isonomia; defesa da pauta histórica (realizar campanha salarial em 2006); defesa da democracia de base, a base é quem decide; pela independência e autonomia em relação aos patrões e ao governo; contra a reforma sindical e trabalhista do governo; contra a reforma da Previdência do governo; pela nacionalização do petróleo e do gás e contra os leilões. Mobilização contra o leilão de novembro; solidariedade com as chapas da oposição nas eleições sindicais; construir a unidade do bloco das oposições nas eleições sindicais e nas eleições da Petros; luta pela inclusão da Transpetro e seus funcionários no sistema Petrobras.

FRENTE DE ESQUERDA: UMA ALTERNATIVA DOS TRABALHADORES, CONTRA AS CANDIDATURAS DA BURGUESIA

MUDAR O BRASIL significa tirar a burguesia do controle do país

EDUARDO ALMEIDA,
da redação

Burguesia de um lado, trabalhador do outro. É importante ter uma definição de classe nestas eleições.

Para isso, é preciso primeiro superar a grande confusão existente desde que o PT chegou a governo. Lula é a maior liderança dos trabalhadores brasileiros de toda a história, e a principal figura de um partido que se denomina "dos trabalhadores". No entanto, seu governo defende os interesses dos setores mais importantes da burguesia, os bancos e as multinacionais, e não dos trabalhadores.

Isso pode ser explicado. Na formação do PT, os ativistas eram classistas e entendiam a necessidade da independência política dos trabalhadores. Durante os anos 90, acompanhando sua ascensão eleitoral, a direção do PT abandonou o classismo, defendendo alianças eleitorais com partidos burgueses. Passou a dizer que "é preciso ganhar as eleições", e a ajuda dos empresários significa dinheiro e apoio da imprensa. É preciso "garantir a governabilidade", com base no Congresso Nacional, Assembléias Legislativas e Câmaras Municipais.

No entanto, a mesma empresa que financia a campanha impõe limites ao programa dos candidatos. Depois da eleição, cobra seu apoio por meio de favores do governo. Os partidos burgueses trocam sua "base parlamentar" por esquemas de corrupção. Assim, mudam os governos, mas continuam a mesma política econômica e a mesma roubalheira.

Mudar o Brasil significa tirar a burguesia do controle do país. Não existem condições para manter setores "progressivos" da burguesia e tirar os "reacionários". Nenhum setor da burguesia "nacional" dispõe-se a enfrentar as multinacionais. Nenhum setor "produtivo" quer romper com os "banqueiros especuladores".

As distintas partes da burguesia, apesar de seus atritos, são unidas por laços financeiros e comerciais. Além disso, nenhum partido burguês está disposto a estimular mobilizações diretas dos trabalhadores, que podem resultar num processo revolucionário e escapar de seu controle.

Neste terreno não existem meios termos. O PT começou aceitando o apoio e os acordos com partidos burgueses menores (PSB e PDT), ou setores dos partidos maiores (como o PMDB). Hoje governa para os banqueiros e multinacionais, e tem o apoio de PP, PTB, etc.

A Frente de Esquerda nasceu como uma alternativa às candidaturas de Lula e Alckmin, que defendem os interesses da burguesia. Agora, ao crescer, está perante uma prova de fogo. Não faltarão pressões para que aceite os "apoios" e "acordos" de setores da burguesia. Mas isso não pode levar a frente a seguir o caminho já trilhado pelo PT. A frente deve seguir expressando uma alternativa dos trabalhadores.

FRENTE SEM GAROTINHO E SEM BURGUESES

A candidatura de Heloísa cresceu rapidamente, chegando a 10% nas pesquisas. De imediato surgiram várias respostas da burguesia. A primeira e mais evidente veio dos grandes partidos e da mídia. As redes de TV e os jornais passaram a combater mais claramente a candidatura, destacando notícias desfavoráveis.

Mas não existe somente a contra-ofensiva da direita. Existe outra, mais sutil, tão ou mais perigosa. Não vem de adversários, mas de candidatos a "aliados".

O canto da sereia da direita indica que é preciso abrandar o discurso e limitar o programa para ganhar mais votos. Heloísa cresceu nas pesquisas, até o momento, com a imagem de "radical". Não se sabe de onde estes "espertos" podem tirar a conclusão de que limitar o programa levaria a ganhar mais votos. Mesmo que ganhasse, sobra uma pergunta: para que ganhar mais votos e não mudar nada no país?

Há setores da burguesia que oferecem abertamente seu apoio. Antes mesmo da ascensão de Heloísa, já existiam as propostas de João Fontes, candidato ao governo de Sergipe pelo PDT; João Capiberibe, candidato do PSB no Amapá; Pedro Simon (PMDB), senador pelo Rio Grande do Sul.

Agora, com o crescimento nas pesquisas, os "apoios" ampliaram-se. Alguns empresários, inclusive, dizem que poderiam oferecer dinheiro caso o programa fique mais moderado.

O que mais chamou a atenção foram as declarações de apoio de um setor do PMDB, representado por Anthony Garotinho e o economista Carlos Lessa. Inúmeras respostas foram dadas por Heloísa e outros companheiros, recusando qualquer tipo de acordo com o ex-governador. Somamo-nos a esta recusa.

Qualquer aliança com Garotinho mancharia a Frente de Esquerda e lançaria uma enorme dúvida sobre nossas propostas. Garotinho é expressão da sujeira dos "políticos", sempre buscando o poder a qualquer custo, tão corrupto como Paulo Maluf e Antonio Carlos Magalhães.

Alguns outros elementos podem ajudar a esclarecer melhor a discussão.

Em primeiro lugar, qual é a diferença qualitativa entre Garotinho e outras expressões de partidos burgueses, como Pedro Simon ou Capiberibe?

Não se pode falar que uns são "éticos" e outros não. Simon é do mesmo partido de Garotinho, aliás, também de Jader Barbalho, e de uma boa parte dos sanguessugas e mensaleiros. Já Capiberibe esteve envolvido em inúmeras denúncias de fraudes eleitorais, além de ser também colega de partido de muitos e muitos corruptos.

Tampouco se pode reduzir a discussão ao plano da ética. Todos eles expressam os interesses de setores da burguesia que comandam seus partidos. A aliança ou o "apoio" de alguns implicaria em ceder a seus conselhos para moderar o programa, para não incomodar os empresários de seus partidos.

Aliás, não entendemos por que vários companheiros da frente, ao recusarem corretamente um acordo com Garotinho, não fizeram o mesmo com Carlos Lessa. Além de ter sido presidente do BNDES no governo Lula, elaborou, com a ajuda de César Benjamin, um programa para a candidatura de Garotinho à Presidência. Lessa defende uma proposta de desenvolvimento capitalista nacional que não tem nada de esquerda.

Esses setores da burguesia vão querer levar a frente para o caminho da centro-esquerda. Ou, para ser mais preciso, deixar de ser uma Frente de Esquerda para se transformar em uma frente popular, de colaboração de classes com setores da burguesia.

Defendemos, ao contrário, que a frente amplie-se, incorporando cada vez mais setores dos trabalhadores urbanos e rurais. Recusamos qualquer apoio ou acordo político e financeiro com setores da burguesia. Queremos que a frente sirva para levantar um programa de defesa dos interesses imediatos e históricos dos trabalhadores, contra os candidatos da burguesia.

LULA GOVERNA PARA OS PATRÕES, PARA A DIREITA

JEFERSON CHOMA, *da redação*

Tentando responder ao crescimento da candidatura de Heloísa Helena, Altamiro Borges, dirigente do PC do B, escreveu um artigo no qual se lê: *"Heloísa faz o jogo da direita ao possibilitar a realização do segundo turno da eleição presidencial"*. Quem realmente faz o jogo da direita?

"Ele discursou para eles, mas trabalhou para nós". Esta é uma conhecida frase de um banqueiro, dita na metade do mandato de Lula. Depois de quatro anos governando para banqueiros, empresários e latifundiários, o petista terá novamente em sua campanha o apoio destes senhores. E não é para menos.

Nunca, em toda a história, os banqueiros lucraram tanto como nos últimos anos. Só no primeiro trimestre deste ano, ganharam R$ 10,221 bilhões (61,5% a mais que no mesmo período de 2005). Isso é conseqüência do aprofundamento do plano econômico neoliberal, inaugurado pelos tucanos e que garante aos especuladores a maior taxa de juros do planeta.

Só em 2006, o governo vai entregar aos banqueiros R$ 270 bilhões em pagamento de juros das dívidas, 50 vezes o que gastou com os pobres por meio de programas como o Bolsa Família. Para piorar, Lula nomeou e mantém a todo custo o banqueiro Henrique Meirelles – ex-presidente do BankBoston – no Banco Central.

Como retribuição, o PT foi o partido que mais recebeu financiamento dos bancos na campanha eleitoral de 2004 (R$ 7,9 bilhões), mais que o próprio PSDB (R$ 4,3 bilhões).

Lula também contou e mantém até hoje ministros empresários ligados ao agronegócio e ao setor de exportação. Entre eles, o ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, da Sadia, e o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, representante das empresas agropecuárias de exportação. Paulo Skaf, atual presidente da Fiesp, apóia Lula desde as eleições de 2002.

Faz o jogo da direita, portanto, quem defende seus interesses e divide com ela as confortáveis cadeiras nos edifícios da Esplanada dos Ministérios.

O 'PAPA' DA DIREITA

O governo do PT-PCdoB conta com o apoio do maior representante da direita de todo o planeta. O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, não se cansa de elogiar Lula. Enviou seus representantes ao Brasil, no meio da crise do mensalão, para apoiá-lo e convencer a oposição burguesa a não se aventurar em uma proposta de impeachment.

Em seu artigo, Altamiro afirma que Heloísa só cresceu graças ao "generoso" espaço concedido pelos telejornais da Rede Globo, quando Lula tem muito mais exposição na mídia. Todos sabem que a Globo acaba de ser beneficiada pelo governo com o acordo da TV digital. Não por acaso, a emissora teve nestes anos uma postura de apoio ao presidente.

Agora, a Frente de Esquerda vai ter no horário eleitoral um tempo seis vezes menor do que o de Lula. Ainda assim, PT e PCdoB estão muito incomodados.

O COMITÊ PRÓ-LULA E A REFORMA TRABALHISTA

JEFERSON CHOMA,
da redação

Novamente, um comitê de empresários pró-Lula será formado. Nele estarão, entre outros, o pecuarista José Carlos Bumlai, do Mato Grosso do Sul, e Lawrence Pih, dono do maior moinho de trigo da América Latina, o Pacífico.

O fazendeiro Bumlai explicou as razões que o levam a apoiar Lula novamente: *"Lula não me decepcionou (...) o presidente deu provas de maturidade ao lidar com a questão dos transgênicos e da gestão privada das florestas"*.

Lawrence Pih declarou em entrevista ao blog do jornalista Josias de Souza, da *Folha de S.Paulo*, que o principal projeto de Lula, se reeleito, será a reforma trabalhista. *"Temos também que flexibilizar a legislação (...) Há setores, como o têxtil e o de calçados, que não são competitivos no mercado mundial e estão deixando de ser também no mercado interno. Tem país que coloca o mesmo produto aqui com qualidade boa e mais barato"*, declarou.

Para Pih, a melhor maneira de tornar seus produtos mais baratos seria diminuindo o que os empresários chamam de "custo-trabalho", quer dizer, acabar com todas as leis de proteção trabalhista. Tais direitos, taxados como "privilégios" pelo cabo eleitoral de Lula, estariam ameaçados num segundo mandato petista: *"A legislação trabalhista está amarrada. Tornando as leis mais flexíveis, evidentemente, não vai ser possível impor tantos privilégios (...) Somos exportadores de matéria prima e bens primários. Ou enfrentamos a concorrência mundial, que é impiedosa, ou garantimos direitos e privilégios"*.

Perguntado se o modelo a ser adotado no Brasil seria o da China, onde os trabalhadores não possuem direitos e ganham salários miseráveis (o que faz os produtos fabricados lá serem vendidos a preços baixos), o empresário não deixou dúvidas: *"A China é o principal exemplo. Nós temos custos que eles não têm. E por isso somos menos competitivos"*.

ALCKMIN, O PREFERIDO DA BURGUESIA PAULISTA

MARISA CARVALHO, *da redação*

Em abril, Geraldo Alckmin (PSDB) realizou um jantar de adesão a sua campanha que demonstrou quem está por trás de seu projeto político. Vários grandes empresários compareceram ao evento, pagando "apenas" R$ 2.000 por cabeça.

O presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp), Cláudio Vaz, declarou apoio à candidatura do tucano e afirmou a um jornal de negócios: *"Sinto que há uma aceitação e uma vontade majoritária de apoio ao Alckmin no meio do empresariado e na sociedade, em geral"*.

A escolha de Alckmin como candidato do PSDB foi bem recebida por alguns dos principais empresários do país, como Antônio Ermírio de Moraes (grupo Votorantim) e Armando Monteiro (presidente da Confederação Nacional da Indústria).

Também houve reação positiva no mercado financeiro. Não é por menos. Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, o PSDB ficou conhecido como o "Partido da Salvação Dos Banqueiros", depois do Proer, medida que transferiu bilhões dos cofres públicos para salvar bancos em dificuldades financeiras.

O capital estrangeiro também é bastante grato aos tucanos. Com as privatizações do governo FHC, várias multinacionais compraram empresas estatais, como a Vale do Rio Doce e a Telebrás, a preço de banana.

O agradecimento da burguesia ao PSDB foi generoso e deve repetir-se este ano. Dentre os principais financiadores da campanha de José Serra à Presidência em 2002, de acordo com o TSE, encontram-se os bancos Itaú (R$ 2,3 milhões) e Santander/Banespa (R$ 1,4 milhão), as empresas Votorantim (R$ 1,8 milhões) e a Companhia Siderúrgica Nacional (R$ 250 mil), entre outros empresários e banqueiros.

A ORIGEM DO DEBATE

Na semana passada, surgiu uma polêmica importante na Frente de Esquerda, com a entrevista de César Benjamin no jornal *Folha de S. Paulo (ver íntegra no site)*, anunciado como "coordenador do programa da frente". Nas páginas do ***Opinião Socialista***, publicamos a carta que enviamos à coordenação da frente, em que contestamos o conteúdo programático da entrevista, oposto ao Manifesto da Frente de Esquerda, assinado por **PSTU**, PSOL e PCB. Contestamos também o suposto papel de César como "coordenador do programa" da frente.

Em resposta, companheiros da direção do PSOL confirmaram que não existe a função de "coordenador". Além disso, o Manifesto da Frente foi publicado nos sites do **PSTU** e do PSOL, respaldando suas posições.

Não queremos acabar com a polêmica que existe e é saudável. As posições comuns do manifesto, que devem ser a base para a campanha da frente, não excluem o debate de outras posições individuais, ou dos partidos que a compõem. O debate pode fortalecer os militantes que carregam as bandeiras e faixas nos atos e caminhadas de Heloísa Helena em todo o país, e que podem e devem debater o programa necessário para o Brasil.

César Benjamin foi coordenador e principal autor de *"A Opção Brasileira"*, livro programático que é base para o movimento Consulta Popular. A leitura deste livro ajuda a entender as posições expostas na entrevista à *Folha*. Dedicamos um capítulo de um outro livro, "Brasil, reforma ou revolução", a esta polêmica com o texto de Benjamin. Para compreender a origem desta polêmica, sintetizamos este capítulo.

Pode-se constatar que as posições defendidas na entrevista estão apoiadas em concepções de *"A Opção Brasileira"*. É assim com a redução do combate à burguesia à luta contra os "especuladores", abrindo a possibilidade de aliança com setores "produtivos" burgueses para um "desenvolvimento sustentado", por dentro do capitalismo.

A redução da posição da frente sobre a dívida a uma auditoria (sem a suspensão do pagamento) também é parte da concepção do livro, que não defende uma ruptura real com o imperialismo. Da mesma maneira, a posição contrária às cotas para os negros, para nós, é conseqüência da subestimação do racismo.

Diagnóstico do país baseado numa visão policlassista: "povo" x "elite"

O livro *"A Opção Brasileira"* trabalha todo o tempo com o esquema conceitual "elite x povo", aproximando-se do utilizado pelas direções do PT e da CUT. São conceitos vagos, de limites indefinidos. Entre o "povo" podem estar burgueses e seus representantes.

Em nossa tradição política, a defesa de um "projeto nacional", estratégia defendida neste livro, é a composição de uma aliança com setores da burguesia nacional.

A história do Brasil, na visão dos companheiros, não é a história de suas classes sociais em luta, mas uma visão idealista em que uma "não nação" vai desenvolvendo seu "sentido de futuro" na construção de uma nação.

"Eis aí, talvez, uma chave de leitura para o longo curso da nossa história: nosso sentido de futuro tem sido dado pela capacidade de transformarmos aquela 'não nação' original em uma nação, dotada de uma organização institucional e um sistema econômico voltados para satisfazer as necessidades de uma população cidadã."(*A Opção Brasileira*, item 10).

Esta visão é completamente equivocada no método de análise e em suas conclusões. A história desse país é o resultado dos processos econômicos e das classes sociais em luta. Não existiu nenhum "sentido de futuro" que guiasse, como um deus, o curso da história.

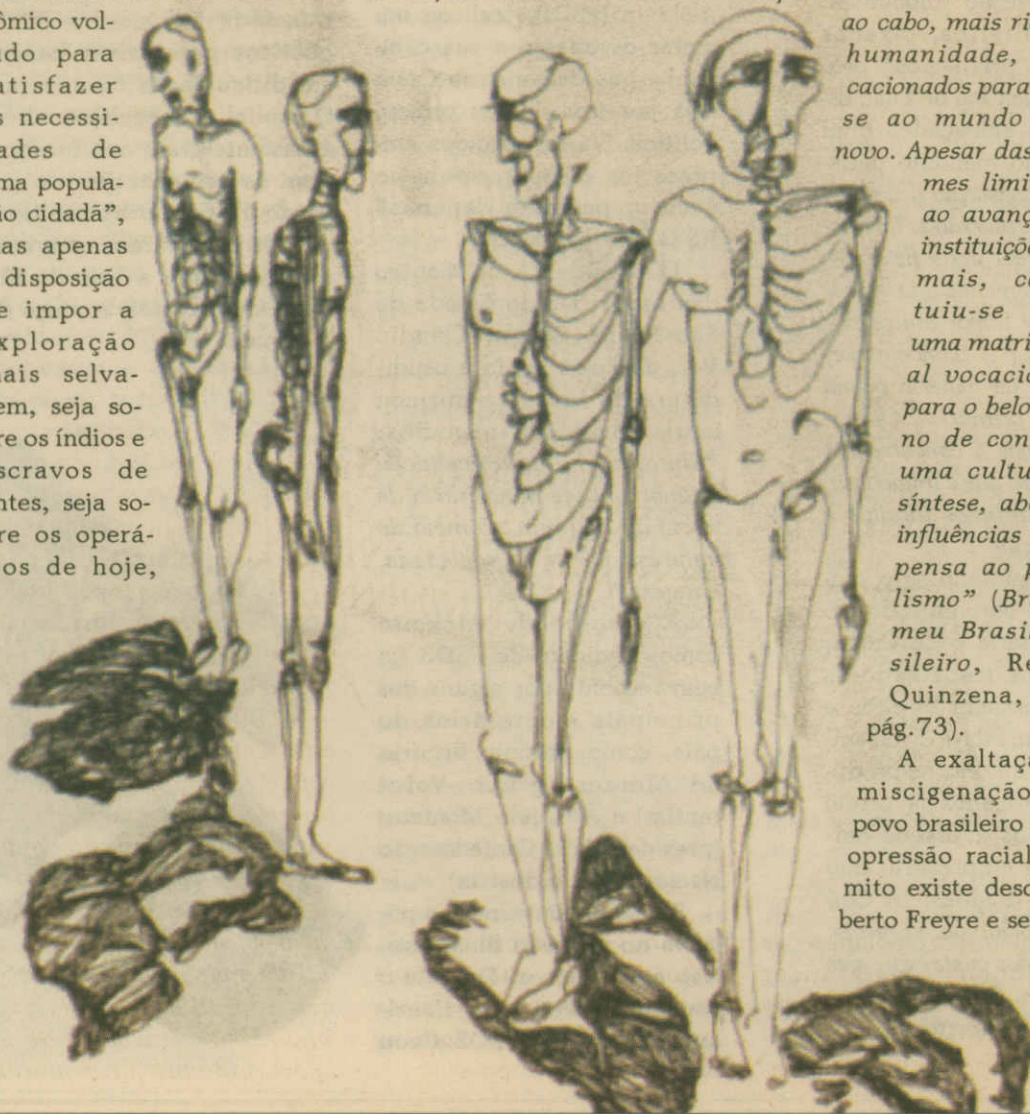
As classes dominantes organizaram a economia no Brasil para aumentar seus lucros, desde os tempos do colonialismo português, na produção de cana e ouro para o mercado mundial, passando pela burguesia agrária do café na primeira República, até as grandes multinacionais. Não existiu nenhum "sistema econômico voltado para satisfazer as necessidades de uma população cidadã", mas apenas a disposição de impor a exploração mais selvagem, seja sobre os índios e escravos de antes, seja sobre os operários de hoje, para garantir lucro máximo.

O "povo", sujeito social das transformações, em oposição às "elites", é apresentado através de uma idealização absolutamente equivocada: *"Índios destribalizados, negros desafricanizados e brancos deseuropeizados acabaram formando um povo único. Depois de vários séculos de sofrida história comum, marcada muitas vezes pela dominação mais cruel, nenhum grupo pode se definir como puro, nem como centro, nem como portador de uma lealdade étnica ou cultural extranacional. Todos foram assimilados e abrasileirados – inclusive os que chegaram muito depois – tornando-se ao fim e ao cabo, mais ricos de humanidade, vocacionados para abrir-se ao mundo e ao novo. Apesar das enormes limitações ao avanço das instituições formais, constituiu-se aqui uma matriz social vocacionada para o belo destino de construir uma cultura de síntese, aberta a influências e propensa ao pluralismo"* (*Brasil... meu Brasil brasileiro*, Revista Quinzena, 276, pág.73).

A exaltação da miscigenação do povo brasileiro dilui a opressão racial. Este mito existe desde Gilberto Freyre e seu livro *"Casa Grande e Senzala"*, de 1933. A revista *Raça e Classe*, no artigo, "Um falso mito", fala a respeito: *"Tomando como base esta tese, 'estudiosos' dos mais diferentes matizes se dedicaram a propagar o mito da democracia racial como a grande verdade nas relações raciais brasileiras. Já que a existência dos negros era um fato, cabia agora convencê-los de que viviam em uma sociedade em que ser negro não significava absolutamente nada, já que todos eram, no fundo mestiços"*.

A realidade é outra. Basta ver a violência policial nas grandes cidades contra a juventude negra, e as oportunidades distintas de empregos e salários.

Não por acaso, a comemoração oficial dos 500 anos do "descobrimento" do Brasil, em abril de 2000, foi contestada pelo movimento dos "Outros 500", com organizações de índios e negros à frente. Ao contrário do que afirma o livro da Consulta, esses movimentos afirmaram que nada tinham a comemorar. Também não por acaso, toda mobilização foi brutalmente reprimida pelo governo.

Esta ideologia sobre o povo brasileiro está a serviço de um projeto nacionalista. Como poderemos com esta abordagem nos relacionar com os outros trabalhadores da América Latina, nossos irmãos de classe, mas em sua maioria de origem indígena?

Uma estratégia de colaboração de classes

Esta visão policlassista leva a uma idealização da história, e o objetivo final também é equivocado: a ressurreição de um projeto desenvolvimentista nacional, apoiado em uma concepção de colaboração de classes. A meta seria retomar a construção da nação brasileira pelo povo, já que este projeto teria sido abandonado pelas elites: "Depois de praticamente restrita à consolidação do território (no século 19), a questão nacional foi entregue à ação modernizadora do Estado (no século 20), feita de cima para baixo e, por isso, fraca para quebrar relações sociais com raízes antigas. Nossa hipótese central é que, agora, o eixo dessa construção deve deslocar-se para a população em si mesma, o que abre uma fase histórica nova".

O outro elemento que guiaria a estratégia seria a conquista de uma "elevação da cidadania": "Mais do que nunca, essa imensa maioria sem nome e cada vez mais sem destino, esse potencial humano desaproveitado, esse peso morto para o sistema econômico atual, ele é que é depositário das nossas possibilidades do futuro. Sua elevação à condição cidadã é, de longe, o nosso principal desafio".

Para nós, uma estratégia revolucionária para o país não é a retomada da nação pelos "cidadãos", mas a ruptura com o imperialismo pelos trabalhadores. Não é a "elevação da cidadania", mas a revolução socialista contra a burguesia e seu Estado, para elevar o nível de vida dos trabalhadores.

A defesa da nação brasileira contra a dominação imperialista não pode ser feita por meio de um novo desenvolvimentismo nacional-burguês, na medida em que a burguesia nacional está mais do que nunca integrada ao imperialismo, com a globalização.

"A Opção Brasileira" fala em um retrocesso da soberania com a globalização, o que é verdade. Mas isso só pode ser evitado com uma revolução, feita pelos trabalhadores, que rompa com o imperialismo.

Da mesma forma, elevar qualitativamente o nível de vida é incompatível com a manutenção do capitalismo e suas regras de mercado. Não se combate a miséria dos trabalhadores e da população dizendo que somos todos cidadãos e devemos ter os mesmos direitos.

Em uma sociedade dividida em classes, a melhoria de vida dos trabalhadores só pode ser feita atacando a mais-valia, ou seja, diminuindo os lucros dos patrões. Isto não se faz "junto com todos os cidadãos", mas em uma luta dos "cidadãos" trabalhadores contra os "cidadãos" burgueses. Na luta de classes, vence quem consegue impor à outra classe suas necessidades. O que inclui tanto as multinacionais como a grande burguesia nacional, em sua maior parte associada à globalização.

Mais uma vez, a polêmica sobre o Estado

Os companheiros do Consulta Popular apontam para a mesma estratégia da Articulação, do PT, de "democratização do Estado": *"Chamamos 'democracia ampliada' a uma organização institucional que mantenha e preserve as conquistas fundamentais de qualquer democracia – como o império das leis, a rotatividade dos governantes, a independência dos poderes e, pela ampliação dos espaços de participação, entregue ao povo a capacidade efetiva de comando"*.

Já discutimos nossa posição em relação à impossibilidade de reformar o Estado burguês e a necessidade de destruí-lo e construir outro Estado.

A "independência dos poderes" defendida pelos companheiros é uma armadilha contra os interesses dos trabalhadores. Uma definição que não interesse à burguesia pode ser adiada indefinidamente, sendo enviada da Justiça para o parlamento, do parlamento para o governo, etc. Já as resoluções que a burguesia defenda podem ser tomadas de forma bonapartista pelo governo.

Como falar em "império das leis" na democracia burguesa? A justiça não é cega, tem olhos e olfato de classe, a serviço da burguesia. Os burgueses podem pressionar na elaboração de leis, e até em sua aplicação, através de seus mecanismos clássicos de pressão.

Não existe possibilidade de reformar o Estado burguês para satisfazer as necessidades dos trabalhadores. Muito menos são "conquistas fundamentais", hoje, a separação dos poderes ou o "império das leis".

A caracterização equivocada do Estado burguês leva a erros graves, como a opinião sobre as Forças Armadas: *"O segundo 'bicho papão' é o de um enfrentamento militar, com a possibilidade futura de um golpe de Estado, igualmente indesejável. Também não tememos este cenário. As Forças Armadas recusarão o papel de gendarme que as elites lhes reservam. Cedo ou tarde, serão levadas a se posicionar ao lado do povo e da nação, como já o fizeram em outros momentos"*.

Em que balanço histórico apóiam-se os companheiros para dizer isso? O país ainda recorda-se dos anos da ditadura militar, a partir de um golpe contra um governo nacionalista-burguês que tentava implementar reformas mais tímidas que as propostas pelo Consulta Popular.

Romper ou não com o capitalismo?

O livro de Benjamin propõe uma alternativa diferente, mas desenvolve pouco sua concretização em termos econômicos. Esboça uma proposta que reedita o projeto nacionalista-burguês da década de 60, com ênfase no mercado interno, apoio a projetos de baixa tecnologia e muita mão-de-obra, e manutenção de algumas empresas estatais.

A proposta mais geral é uma economia mista: *"Parte da economia deve ser socializada – sob a forma de propriedade estatal ou pública não estatal – e parte deve manter-se sob controle privado, de modo que a sociedade combine dois grandes mecanismos de alocação de recursos. O setor privado não monopolista será incrementado, via multiplicação de pequenas e médias propriedades e empresas, com a abertura de oportunidades para muitas pessoas com essa vocação"*.

Os sistemas econômicos exigem uma definição precisa. Os companheiros propõem uma economia capitalista, com desenvolvimento dirigido pelo Estado? Ou se trata de uma economia não capitalista, com algumas empresas privadas? Não se trata apenas de dois "mecanismos de alocação de recursos", mas de duas totalidades distintas e opostas, uma capitalista, outra não capitalista.

Considerando o grau de concentração e centralização do capital, isso significa uma opção clara: expropriar ou não as grandes empresas industriais, como as automobilísticas, químicas, siderúrgicas, os grandes bancos, as empreiteiras da construção civil, os grandes supermercados? A impressão que o texto dá é que o sentido não é este, mas sim o da primeira alternativa, de um desenvolvimento capitalista.

Como conseguir uma transformação econômica sem intervenção estatal? O fracasso das "estratégias de emparelhamento" do passado indica a impossibilidade de repetir um novo desenvolvimentismo nacional na globalização. Recusar a expropriar a burguesia é a tentativa de reedição de um novo desenvolvimentismo utópico.

Além disso, os companheiros não levam até o fim sequer a ruptura com o imperialismo. Não defendem a ruptura com o FMI, nem o não pagamento da dívida externa.

UMA BATALHA TAMBÉM NAS ARTES

Além de ter sido um dos mais importantes e dramáticos episódios da luta revolucionária no século 20, a Guerra Civil Espanhola serviu como palco para uma explosão criativa, também brutalmente reprimida pelo fascismo. Uma história que até hoje deixa suas marcas, principalmente no cinema

***WILSON H. DA SILVA**, da redação*

Em 19 de agosto de 1936, o poeta, escritor e dramaturgo Federico García Lorca foi fuzilado pela Falange Franquista. A Guerra Civil – vide *Opinião* **nº 266** – havia começado há um mês e Lorca, com 38 anos, não se tornou uma de suas primeiras vítimas por acaso.

Homossexual, ateu, republicano e simpático ao socialismo, o poeta, nas palavras de um deputado católico, era *"mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver"*. Um "perigo" que o poeta fazia brotar de textos que, até hoje, são maravilhosos testemunhos de uma Espanha conturbada e tensionada pela onda revolucionária.

Criador da companhia teatral popular *"La Barraca"* (1931), Lorca levou para os palcos um poderoso grito contra a opressão e a injustiça social. Em *"Bodas de Sangue"*, uma mulher abandona o marido para fugir com o amante; em *"Yerma"*, uma esposa mata o companheiro que a rejeitava por ser estéril; e em *"A Casa de Bernarda Alba"*, valores como tradição e honra espatifam-se contra os impulsos motivados pelo amor e pela liberdade.

Temas também recorrentes em sua poesia, que transitava entre o modernismo, como *"Romanceiro Gitano"* (1928) e *"Ode a Walt Whitman"* (1933), e o surrealismo, como *"Poeta em Nova York"* (1930), um fulminante ataque ao modo de vida norte-americano.

A notícia de sua morte varreu a Espanha, provocou indignação internacional e serviu como lamentável exemplo de que a guerra também seria travada em um outro campo de batalha: o da arte.

CRISES REVOLUCIONÁRIAS E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

A história tem demonstrado que momentos revolucionários costumam vir acompanhados de uma impressionante ebulição artística. A Guerra Civil Espanhola é um dos exemplos mais contundentes disto. No lado "republicano", músicas, poesias, livros, cartazes, pinturas e filmes não só refletiam o ideal rebelde e a propaganda revolucionária, como também expressavam uma revolução que acontecia no próprio "fazer artístico".

Dando vida ao famoso ensinamento do poeta russo Maiakóviski – de que não há arte revolucionária sem forma revolucionária –, intelectuais, artistas, trabalhadores e jovens tomaram em suas mãos a tarefa de transpor para a arte seu sonho de liberdade e seu ódio ao conservadorismo político, artístico e comportamental da "Espanha Nacionalista".

Uma das expressões mais belas desta explosão foram os cartazes que se espalharam pelas ruas. Produzidos por gente famosa como o pintor surrealista Joan Miró – autor de *Aidez L'Espagne* (Ajude a Espanha, de 1937) – ou anônimos, os pôsteres retratavam a luta por um novo mundo e uma nova forma de expressão.

As Brigadas Internacionais – com voluntários da França, Alemanha, Itália, Inglaterra e de toda a América Latina – também foram contaminadas pela estética revolucionária, fazendo com que muitos de seus integrantes também produzissem sobre o tema. Dentre os que seguiram este caminho, cabe destacar o grupo formado pelos surrealistas. Respondendo ao Manifesto Surrealista, de 1936, escrito por André Breton (que, em 1938, assinaria o Manifesto por uma Arte Independente e Revolucionária, com Leon Trotsky), artistas como o inglês Henry Moore (*Prisioneiro Espanhol*, 1938) e os franceses Édouard Pignon (*Morte de um trabalhador*, 1933) e René Magritte (*A bandeira negra*, 1938) colocaram sua genialidade a serviço da denúncia dos horrores da guerra e da necessidade de solidariedade internacional.

MAGRITTE/A BANDEIRA NEGRA

Destoante e detestável exceção nesta história foi o pintor Salvador Dalí, "expulso" do movimento surrealista exatamente por sua confessada simpatia por Franco e pela direita.

Mundo afora, contudo, a obra de arte mais conhecida sobre a Guerra Civil é, inquestionavelmente, *Guernica*, que Pablo Picasso fez em 1937 em homenagem ao vilarejo basco devastado pelas tropas de Franco e pelas baterias aéreas de Hitler. Picasso também registrou os horrores da guerra na face deformada de Dora Maar, simpatizante do trotskismo e sua companheira na época, que serviu como modelo para o impactante *Mulher em Lágrimas*.

MIRÓ

Para além das artes plásticas, a guerra também está na origem de obras como *Os Fuzis da Senhora Carrara*, peça escrita por Brecht em 1937; poemas de Antonio Machado; livros como os de George Orwell (*Homenagem à Catalunha*) e Ernest Hemingway (*Por quem os sinos dobram*), dois destacados artistas que combateram nas brigadas e sobreviveram para contar suas histórias – destino diferente de jovens poetas britânicos e norte-americanos como Christopher Caudwell, Julian Bell e John Cornford, que morreram nos campos de batalha.

ARTE E REVOLUÇÃO NAS TELAS

Conhecer a obra de todos esses artistas e tantos outros que tiveram suas vidas e obras entrelaçadas com a Guerra Civil permite compreender o conflito através de um caminho tão instigante quanto aquele apontado pelos escritos sobre o período, particularmente *"A Revolução Espanhola"* (coleção de artigos, cartas e documentos de Leon Trotsky sobre o tema).

Neste sentido, um dos caminhos mais acessíveis é o cinema e o filme obrigatório é *Terra e Liberdade*, de Ken Loach. Lançado em 1995, quando o discurso sobre o "fim das ideologias" corria solto, o filme arrancou aplausos mundo afora não só por resgatar o espírito de luta dos jovens da época, mas, principalmente, por mostrar a história a partir de um ponto de vista anos-luz distante da perspectiva stalinista.

PICASSO/MULHER EM LÁGRIMAS

No filme, os protagonistas são os militantes do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), grupo muito criticado por Trotsky devido a seus equívocos e vacilações, mas que em muito se distanciou da criminosa atuação do Partido Comunista, responsável, inclusive, pelo assassinato de grande parte dos "poumistas".

Uma história que guarda dolorosa semelhança com todos os demais bons filmes que foram produzidos sobre uma guerra e uma revolução lamentavelmente derrotadas.

Belos e emocionantes, *Terra e Liberdade* e os outros filmes – ao lado dos cartazes, quadros e escritos que chegaram até nós – também são testemunhos comoventes de uma história que não pode ser esquecida e, acima de tudo, daquilo que há de mais belo quando arte e revolução caminham lado a lado: a expressão livre, independente e radical do sonho por um mundo mais justo, da luta pela liberdade e da crença inabalável de que é possível construir um mundo onde a beleza possa adquirir todas as formas, cores e sons que estiverem ao alcance da humanidade.

SAIBA MAIS

O QUE LER

- "Arte e Literatura na Guerra Civil de Espanha", de João Cerqueira, Ed. Zouk.

O QUE VER

- Ainda sob a ditadura, grande parte dos filmes de Carlos Saura faz referência à guerra, mesmo através de metáforas. Desta época, destacam-se "A caça" (65), "Ana e os lobos" (72) e "A prima Angélica" (73). Também no campo das metáforas está o excelente "O espírito da colméia" (72), de Victor Erice.
- Mais recentemente, Saura fez o belíssimo "Ay. Carmela" (90), que aborda o impacto da guerra sobre um grupo mambembe de teatro.
- Também é imperdível "Libertárias" (95), de Vicente Aranda, centrado na luta e na libertação das mulheres (entre elas uma prostituta e uma freira) durante a guerra.
- Mais recente, "A língua das Mariposas" (99), de Jose Luis Cuerda, é uma poética denúncia da repressão política, artística e cultural de Franco e seus apoiadores, através de um garoto que, no início da guerra, vê seu pai e seu professor sendo vitimados pelos fascistas.

NENHUMA INTERVENÇÃO IMPERIALISTA NO LÍBANO

PELA UNIDADE dos povos árabes contra Israel

JEFERSON CHOMA, da redação

Aviões e artilharia israelenses continuam bombardeando o Líbano e assassinando indiscriminadamente sua população. A matança sistemática desatada por Israel é implacável e já vitimou 700 libaneses. Dia a dia, as ações israelenses violam a Convenção de Genebra. Bombas foram despejadas em prédios da Defesa Civil libanesa, caminhões repletos de refugiados e ambulâncias da Cruz Vermelha foram destruídos por mísseis.

Na última semana, Israel lançou bombas contra um posto de observação da ONU, no sul do Líbano, matando quatro observadores. Dirigentes das Nações Unidas disseram que pediram por "dez vezes" ao exército de Israel que interrompesse os bombardeios, que não cessaram.

O ataque mais estarrecedor *ainda estava por vir*. Na manhã do dia 30, um bombardeio atingiu em cheio um edifício que abrigava refugiados libaneses na cidade de Qana. O total de mortos chega a 54. Destes, 37 são crianças. Foi o pior massacre realizado por Israel. O ataque repete a chacina de 1996, quando bombas israelenses mataram 106 civis na mesma localidade.

INVENCIBILIDADE COLOCADA À PROVA

Diante do aumento da resistência, o governo de Israel autorizou o exército a convocar mais de 30 mil reservistas para uma possível "guerra prolongada" no Líbano. Algo que estava absolutamente fora dos planos iniciais da ofensiva sionista.

O plano inicial consistia numa rápida ofensiva militar que desarticulasse em poucos dias o Hizbollah e colocasse o Líbano de joelhos. Uma estratégia muito semelhante aos planos do imperialismo norte-americano no início da invasão do Iraque. Mas, como os problemas enfrentados pelos EUA, as ações de resistência dirigidas pelo Hizbollah impediram a concretização da guerra-relâmpago sionista e colocam gradualmente em xeque o mito da "invencibilidade" do seu exército.

No último dia 26, o exército israelense sofreu um duro golpe na cidade libanesa de Bint Jbail. Pelo menos nove soldados morreram depois de uma devastadora emboscada dos guerrilheiros do Hizbollah. O impacto psicológico da ação foi tão profundo que o conselheiro militar do presidente de Israel, Ron Bem Yishai, reconheceu que as baixas provocaram um "golpe horrível" na moral dos soldados israelenses.

Combinando métodos de guerrilha urbana com bombardeios a Israel, o Hizbollah demonstra que sua capacidade de resistência é bem superior ao que previam os dirigentes sionistas. Por seis anos o Hizbollah preparou-se para defender o Líbano e construiu redes de túneis e trincheiras subterrâneas ao longo do sul do país. Tática semelhante foi adotada pela resistência vietnamita contra os EUA. Soma-se a isso a vantagem de o Hizbollah contar com o crescente apoio da população.

Uma guerra de guerrilhas pode impor a Israel fortes baixas e um alto custo econômico e moral, e também ampliaria seu desgaste internacional.

Pela primeira vez na história, a ofensiva genocida de Israel – mesmo contando com o apoio dos EUA, da maioria da imprensa e da sua população – escancara o seu verdadeiro papel. Vai ficando claro no Oriente Médio e no mundo inteiro que o Estado de Israel só se mantém às custas de massacres de palestinos e dos povos vizinhos. É impossível ter paz na região com a manutenção de Israel, um Estado racista e policial.

Na Grã Bretanha, por exemplo, uma pesquisa mostra que 62% dos entrevistados repudiam a agressão de Israel. O que coloca Tony Blair, fiel aliado de Bush e defensor do "direito de autodefesa" de Israel, em maus lençóis.

A opção por uma guerra prolongada também selaria a unidade de todo o povo libanês na luta contra a ocupação e incendiaria o movimento de massas no mundo árabe. O repúdio aos ataques fez com que 87% dos libaneses apoiassem o Hizbollah, segundo pesquisa do Centro de Estudos e Informação em Beirute. Mesmo países aliados de Israel na região, como Egito, Arábia Saudita e Jordânia, foram obrigados a fazer tímidas críticas a Israel diante de crescentes manifestações populares repudiando os ataques israelenses.

Condoleezza Rice e Kofi Annan

PLANO 'B'

Preocupados com o aumento da resistência do Hizbollah e com alastramento da crise pelo Oriente Médio, a ONU e os governos do imperialismo europeu, como Itália e França, propuseram um cessar-fogo imediato na conferência para o Líbano. A proposta foi rejeitada pelos EUA, que se opôs para que Israel tenha tempo de provar que é capaz de esmagar o Hizbollah.

Foi a senha para Israel aumentar o massacre: *"Recebemos permissão da conferência (...), na verdade do mundo (...), para continuar esta guerra até que a presença do Hizbollah seja apagada do Líbano"*, disse Haim Ramon, ministro da Justiça de Israel.

Ainda que existissem diferenças sobre o imediato cessar-fogo, havia um acordo básico entre os representantes dos imperialismos ianque e europeu: enviar tropas "multilaterais" de ocupação para o Líbano – sob a cobertura da ONU – para "estabilizar" a região e desarmar o Hizbollah, de acordo com a resolução das Nações Unidas de 2004. O cinismo é tão grande que não disseram uma palavra condenando os ataques genocidas de Israel na Faixa de Gaza, que já duram dois meses e atingem famílias inteiras e crianças. Tampouco condenaram Israel pelos massacres de Qana.

Na verdade, o que faz com que eles movimentem-se é a situação difícil de Israel e não a busca da paz ou a preocupação com a morte de civis inocentes. Assim, colocam a ONU mais uma vez a serviço da política imperialista na região.

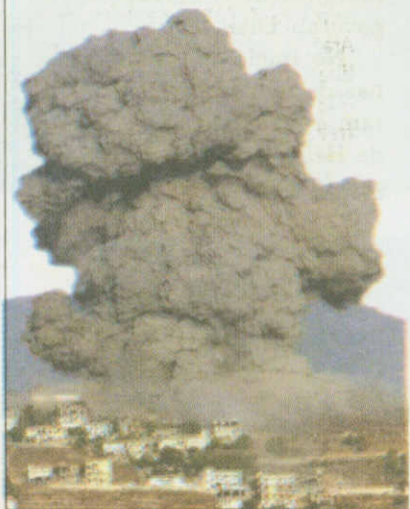
O plano de ocupação consiste em enviar um contingente de soldados que ficaria ao longo da fronteira libanesa-israelense de 60 a 90 dias. Depois, se espalhariam pelo país para desarmar o Hizbollah.

A crescente dificuldade de Israel em esmagar o Hizbollah e o desgaste causado pelos massacres sionistas – especialmente depois de Qana –, fizeram com que Bush e Blair relocalizassem taticamente suas posições e se colocassem de acordo com o envio de forças multilaterais e o cessar-fogo. Mas seguem com a estratégia de impedir o Hizbollah de oferecer resistência a Israel.

PELA UNIDADE DOS POVOS ÁRABES CONTRA ISRAEL

O envio de tropas "multilaterais" sob a cobertura da ONU deve ser repudiado. Trata-se de uma armadilha do imperialismo para socorrer Israel e enfraquecer a resistência libanesa. Logo após o massacre de Qana, a população de Beirute demonstrou seus sentimentos sobre a pretensa neutralidade da ONU, invadindo sua sede aos gritos de "morte à América, morte a Israel!". O Hizbollah deve repudiar essa armadilha e unificar todos os libaneses na luta contra a ocupação.

Estamos pela derrota israelense, pois significaria uma vitória dos povos contra o imperialismo em todo o mundo. Por isso é preciso unificar o conjunto dos povos árabes contra o imperialismo e o Estado policial de Israel.

Nesse sentido, é muito importante que o Hizbollah coordene suas ações com as demais organizações palestinas que lutam contra Israel na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Quanto mais coordenadas as ações contra o Estado sionista, maiores serão as chances de sua derrota.

RIO DE JANEIRO

HELOÍSA VAI A MARCHA GLBT E VISITA NITERÓI E BAIXADA

TERESA BASTOS,
do Rio de Janeiro (RJ)

A campanha da Frente de Esquerda (PSOL, PSTU e PCB) no Rio de Janeiro vai a todo vapor, embalada pelo crescimento da candidatura de Heloísa Helena à Presidência. Segundo a última pesquisa do IBOPE, Heloísa Helena já está no Rio em segundo lugar, com 19% das intenções de votos, ultrapassando Alckmin, que caiu para 17% .

Apesar do frio, a campanha da Frente de Esquerda foi às ruas em Niterói, Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense. No dia 30, em Niterói, Heloísa, junto com Milton Temer, candidato a governador, Dayse Oliveira, candidata ao Senado, Cyro Garcia, candidato a deputado federal, e demais candidatos e militantes, fez uma visita ao Morro do Estado, onde houve um encontro com as mães de cinco jovens brutalmente assassinados por policiais no final de 2005. Em seguida, foi realizada uma caminhada pela Praia de Icaraí, que conquistou a simpatia e o apoio da população que passava pelo local.

À tarde, a campanha da Frente foi para Copacabana, onde se realizava a Parada do Orgulho Gay, contra a homofobia e por direitos iguais para os homossexuais. A candidata foi ovacionada pelos participantes, que declaravam votos a Heloísa.

No dia 31 foi a vez da Baixada Fluminense demonstrar seu apoio às candidaturas da Frente de Esquerda. A campanha tomou as ruas de Duque de Caxias, com concentração na Praça do Relógio, e partiu pelo calçadão, onde recebeu apoio dos trabalhadores da região. À tarde, em Nova Iguaçu, a candidata foi recebida por trabalhadores, estudantes e por Renato, presidente do Sindicato dos Comerciários de Nova Iguaçu e candidato a deputado estadual pelo **PSTU**. Ele entregou um manifesto dos comerciários contra o horário livre e por melhores condições de trabalho.

COM HELOÍSA, SEM GAROTINHO!

Durante as atividades, não passou desapercebido pelos militantes da Frente de Esquerda a declaração de "apoio" de Garotinho a Heloísa Helena. Servidores estaduais, estudantes e demais militantes repudiaram o apoio do ex-governador do Rio, responsável por anos de arrocho salarial do funcionalismo e destruição dos serviços públicos.

Dayse Oliveira, dirigente licenciada do SEPE-RJ, destacou o respeito ao Manifesto da Frente de Esquerda, que estabelece os marcos da campanha e recusa acordos com políticos burgueses que, como Garotinho, em nada contribuem para o avanço da Frente de Esquerda e da luta dos trabalhadores.

MINAS GERAIS

CAMPANHA NAS RUAS E NA FÁBRICA

HERMANO MELO e LÍVIA FURTADO, de Belo Horizonte (MG)

No dia 27, Heloísa Helena esteve em Belo Horizonte para uma caminhada pelas ruas do centro.

Mais de 100 pessoas, entre militantes e apoiadores, foram concentrando-se na Praça Sete, ponto tradicional de manifestações.

Heloísa chegou acompanhada da candidata ao governo do estado, Vanessa Portugal, do vice, Professor Pimenta, e da candidata ao Senado, Maria da Consolação, causando grande comoção entre os manifestantes e a população.

Muitas pessoas vinham conversar e tirar fotos com Heloísa, refletindo o crescimento da candidatura nas pesquisas de opinião.

No ato de encerramento, Vanessa falou da importância da frente nestas eleições: *"Nossa frente é uma alternativa realmente de esquerda, de luta e socialista, para os que se sentem traídos pelo governo, mas não querem mais quatro anos de tucanos no poder"*. Heloísa chamou todos a não se intimidarem diante do poder econômico e do uso da máquina do estado para campanha por parte de Lula e Alckmin.

PORTA DE FÁBRICA

À tarde, Heloísa falou para cerca de 800 operários que faziam a troca de turno em frente à Mannesmann, uma das maiores fábricas da região.

A candidata defendeu a redução dos impostos pagos pelos trabalhadores e pela classe média e o aumento dos impostos para as grandes empresas e fortunas.

Estiveram presentes ainda os candidatos do **PSTU** a deputado federal, Cacau, e a deputado estadual, Giba. Dirigente da Federação Metalúrgica de Minas, Giba falou da importância da organização da classe trabalhadora para lutar contra os ataques que serão feitos, caso Lula ou Alckmin vençam as eleições: *"Eles já se comprometeram em realizar a reforma sindical e trabalhista, que retira direitos históricos dos trabalhadores, como férias, 13º salário e licença maternidade. Precisamos combater este projeto nas lutas e nas eleições"*. Vários trabalhadores da fábrica conversaram com Heloísa Helena.

No alto: Heloísa e Vanessa Portugal em caminhada no Centro de Belo Horizonte. Acima: campanha na Mannesmann

PERNAMBUCO

CAMINHADA REÚNE MAIS DE 500 NO RECIFE

DAVID CAVALCANTE,
do Recife (PE)

Heloísa Helena esteve no Recife no dia 29. Pela manhã, houve uma caminhada na comunidade de pescadores na Ilha de Deus, e na parte da tarde uma caminhada pela principal avenida da cidade, com cerca de 600 pessoas, encerrada com um ato público na Praça do Carmo, local escolhido para fazer uma homenagem a Zumbi dos Palmares. Nesta praça, o líder negro teve sua cabeça cortada e pendurada.

Durante a caminhada falaram os candidatos a deputado de todos os partidos da frente e, no final do ato, os candidatos a senador do **PSTU** e do PSOL e os candidatos a governador do PSOL, Edílson Silva, e do **PSTU**, Kátia Telles. Heloísa encerrou o ato.

Hélio Cabral, candidato ao Senado pelo **PSTU**, destacou em sua intervenção a luta dos portuários pernambucanos, que batalham contra as demissões provocadas pelo governo Jarbas e pelos direitos do trabalho avulso. Também ressaltou a luta contra as demissões da FUNESO, faculdade do município de Olinda. Nesta cidade, a prefeita Luciana Santos (PCdoB) está promovendo a demissão de 40 professores. Hélio propôs que a candidatura de Heloísa defenda os trabalhadores do porto e da FUNESO.

Kátia Telles denunciou o governo Lula, que representa a continuidade do projeto neoliberal de FHC, e também destacou o governo Jarbas Vasconcellos como promotor do desenvolvimento para as oligarquias e as empreiteiras do Estado.

Heloísa encerrou o ato afirmando que a frente possibilita a aglutinação das centenas de militantes socialistas que não se renderam à desmoralização e corrupção do governo Lula.

No início da noite, dezenas de militantes compareceram à inauguração do comitê de Hélio Cabral, com cerveja gelada e música ao vivo.

WWW.PSTU.ORG.BR

Leia no **Portal do PSTU** o porquê de a Frente de Esquerda ter dois candidatos ao governo de Pernambuco.